

RODA DE CONVERSA COM CRIANÇAS SOBRE SUICÍDIO: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL

RUEDA DE CONVERSACIÓN CON NIÑOS SOBRE SUICIDIO: UNA PROPUESTA DE EDUCACIÓN EN SALUD MENTAL

Jeysson Ricardo Fernandes da Cunha¹

RESUMO:

Falar sobre suicídio com crianças, assume uma gama de significações construídas historicamente, sendo reconhecido como um tabu de grandes conotações. Dentre elas, estão presentes a infância como objeto de representações ancoradas na noção de que as crianças são *tábulas rasas* e devem ser poupadas das contradições e dos vícios sociais, pois caso contrário poderão se tornar imorais pela sua incompletude. No entanto, esforços de diversas áreas científicas tem mobilizado problematizações acerca da representação de crianças e sua participação social, emerge a possibilidade de as crianças ganharem notoriedade nos estudos científicos e, por sua vez, serem consideradas como sujeitos ativos e de direitos, cujo tal princípio é norteador deste artigo. Este estudo objetiva demonstrar a condição ativa das crianças em seus processos de significação da realidade de forma a refletir sobre a necessidade de se pensar uma proposta de educação em saúde mental com foco no suicídio em busca de promover conhecimentos acerca deste fenômeno psicossocial. Para tanto, pensou-se, como estratégia metodológica, a construção de uma roda de conversa com crianças a partir de um roteiro semiestruturado elaborado com base em indicadores empíricos. A roda de conversa sobre o suicídio revela-se como uma fonte educativa de saúde mental. Tal perspectiva sugere pistas para ajudar a pensar a construção de uma proposta educacional em saúde mental que dialogue com o potencial da criança e que valorize a autoria infantil como ponto de partida para o aprendizado e, sobretudo, que aproxime a realidade das crianças, tomando por base seus contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Roda de Conversa; Crianças; Educação; Saúde Mental.

RESUMEN:

Hablar sobre suicidio con niños, asume una gama de significaciones construidas históricamente, siendo reconocido como un tabú de grandes connotaciones. De entre ellas, están presentes la infancia como objeto de representaciones ancladas en la noción de que los niños son tabulas rasas y deben ser ahorradas de las contradicciones y de los vicios sociales, pues de lo contrario podrán tornarse inmorales por su incompletud. Sin embargo, los esfuerzos de diversas áreas científicas han movilizad problematizaciones de la representación de los niños y su participación social, emerge la posibilidad de que los niños gocen notoriedad en los estudios científicos y, a su vez, sean considerados como sujetos activos y de derechos, cuyo principio es de este artículo. Este estudio objetiva demostrar la condición activa de los niños en sus procesos de significación de la realidad para reflexionar sobre la necesidad de pensar una propuesta de educación en salud mental con foco en el suicidio en busca de promover conocimientos acerca de este fenómeno psicossocial. Para ello, se pensó, como estrategia metodológica, la construcción de una rueda de conversación con niños a partir de un itinerario semiestruturado elaborado con base en indicadores empíricos. La rueda de conversación sobre el suicidio se revela como una fuente educativa de salud mental. Tal perspectiva sugiere pistas para ayudar a pensar la construcción de una propuesta educativa en salud mental que dialogue con el potencial del niño y que valore la autoría infantil como punto de partida para el aprendizaje y sobre todo que acerque la realidad de los niños tomando por base sus contextos.

DESCRIPTORES: Rueda de Conversación; Niños; Educación; Salud Mental.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e graduado em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos. Professor da Faculdade de Quatro Marcos. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0150914749552246>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

01 – INTRODUÇÃO

Serão as crianças capazes de compreender temas sobre saúde mental de maneira a refletir sobre o suicídio?

A resposta para essa pergunta tem produzido constantes debates contemporâneos, tanto no universo científico quanto no conhecimento popular. Falar sobre suicídio com crianças, assume uma gama de significações construídas historicamente, sendo reconhecido como um tabu de grandes conotações. Dentre elas, estão presentes a infância como objeto de representações ancoradas na noção de que as crianças são *tábulas rasas* e devem ser poupadas das contradições e dos vícios sociais, pois caso contrário poderão se tornar imorais pela sua incompletude, como demonstrado por Andrade (2014).

No entanto, esforços de diversas áreas científicas tem mobilizado problematizações acerca da representação de crianças e sua participação social. Estimulados pela Sociologia da Infância (SARMENTO, 2007), emerge a possibilidade de as crianças ganharem notoriedade nos estudos científicos e, por sua vez, serem consideradas como sujeitos ativos e de direitos, cujo tal princípio é norteador deste artigo.

Neste prisma, este estudo tem como objetivo demonstrar a condição ativa das crianças em seus processos de significação da realidade de forma a refletir sobre a necessidade de se pensar uma proposta de educação em saúde mental com foco no suicídio em busca de promover conhecimentos acerca deste fenômeno psicossocial.

A aquisição do conhecimento social é uma etapa elementar na vida dos sujeitos. É por meio desta que internaliza a realidade, promove transformações de cunho social e pessoal como também constrói as representações sociais. Neste arcabouço, as representações sociais podem ser compreendidas como uma modalidade de conhecimento socialmente construído que atua na transformação de certas inquietudes cotidianas em formas familiares (JODELET, 2001).

Moscovici (2013), fundador da Teoria das Representações Sociais, anuncia que as representações sociais possuem propriedades do pensamento ingênuo, isto é,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

uma modalidade de conhecimento advindo da tradição e saber popular que legitimam ideias ao status de verdades para um determinado conjunto social.

Os grupos, ao compartilharem representações sociais, o fazem por meio de percepções, ações, atitudes como também novas formas de saber, construídas a partir das vivências. Desta forma, temas do cotidiano que nos são estranhos carecem de explicações razoável afim de torna-lo conhecido. Estes temas podem ser exemplificados por meio de tabus sociais que assumem diferentes explicações sobre sua origem e destino de acordo com o contexto do grupo. Assim, o suicídio, muitas vezes, é compreendido por *falta de fé; loucura; modo de chamar a atenção;* ou até mesmo que *não se deve falar sobre isso porque pode estimular as pessoas a fazê-lo;* enfim, variadas significações acerca do fenômeno estranho que são explicados a partir de categorias sociais conhecidas pelos sujeitos e grupos. Nota-se o caráter histórico das representações sociais, na medida em que estas são construídas através da comunicação dos sujeitos que vivem em sociedade e compartilham ideias, crenças e valores que são transmitidos de geração a geração. No entanto, as representações não são estáticas, tão pouco imutáveis. Elas ocorrem em diálogo com as transformações sociais na medida em que a sociedade se organiza e que temas que outrora eram tabus intocáveis, hoje já recebem aceitação muito maior.

É possível notar o caráter dinâmico das representações sociais a partir da ideia de infância. O contexto sociocultural contemporâneo demonstra, influenciado principalmente pela sociologia da infância (SARMENTO, 2007), a capacidade das crianças como sujeitos de direitos e ativos em seu processo de significação da realidade (ANDRADE, 2014). A categoria *infância*, segundo Kohan (2008 apud ANDRADE 2014, p. 147), destaca que “crianças podem ser significadas como aquele que não fala – *infans* –, ser incompleto que não possui voz (...), ou como presença, afirmação e força derivada de *néos*”. A última representa a possibilidade das crianças em seu poder de criação e imaginação, significados estes defendidos pela sociologia da infância, embora ainda encontre resistências por meio da tradição ligada a noção de *infans*.

Criação e imaginação na infância estabelece diálogo com a Psicologia do Desenvolvimento, em especial, com a Teoria Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 2000; 2009; 2010). Os princípios norteadores desta teoria anunciam a natureza social do

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

desenvolvimento humano, isto é, a cultura, o social e a história fornecem elementos (significações) para o desenvolvimento das funções mentais superiores (capacidade de agir, transformar e atuar conscientemente). Em outras palavras, o desenvolvimento humano e o conhecimento social são processos simultâneos e dialógicos.

Um aspecto elementar para a concepção de desenvolvimento ocorre por meio de uma relação dialética entre duas atividades que Vigotski (2009) considera essencialmente humanas: reprodução e criação/imaginação.

A atividade de reprodução está associada de forma intrínseca à memória e tem como objetivo permitir a repetição de fatos e ocorrências outrora criadas e elaboradas ou reproduzir vestígios anteriormente captados. Deste modo, é possível caracterizar o sujeito enquanto um ser histórico, pois possibilita a repetição de algo que já existe, permitindo, assim, a conservação dos meios de conduta e sua transmissão às novas gerações (VIGOTSKI, 2009).

A outra atividade é a de criação. Esta atividade, por sua vez, resulta da combinação entre os elementos vivenciados no passado juntamente com a criação de novas imagens, ideias, a partir do que foi conservado. Em outras palavras, a atividade humana não se limita apenas em reproduzir o velho, pois isso geraria uma estagnação e, diante disso, por meio da atividade criadora se torna possível a modificação do presente e a projeção do futuro, gerando novas situações ou comportamentos (VIGOTSKI, 2009).

A partir do exposto, é possível perceber que cultura, conhecimento social e a história atuam na elaboração de significações das crianças sobre a realidade. A construção do conhecimento social, isto é, as representações sociais de crianças, encontra base teórica na abordagem ontogenética das representações sociais que promove a intersecção entre Teoria Histórico-Cultural e a Teoria das Representações Sociais.

Duveen (1995), anuncia a possibilidade de articulação entre as duas epistemologias. Para o autor, embora a criança nasça em uma sociedade plenamente estruturada, não lhe é inato a capacidade de atuar no mundo, sendo que esta competência é forjada ao longo do processo de seu desenvolvimento por meio da apropriação do conhecimento social, isto é, representações sociais. Para Emler, Ohana e Dickinson (2003, p. 68), “a construção do conhecimento das crianças é um

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

processo social (tal como é a construção do conhecimento *per se*)”. Para os autores, os conhecimentos que a crianças reúnem dependem exclusivamente dos conhecimentos que a sociedade veicula e do lugar que a criança ocupa.

Destarte, o suicídio pode ser reconhecido como um fenômeno social que causa estranhamentos e recebem diversas significações assumindo seu caráter de tabu. As diversas etiologias que levam a pessoa a cometê-lo pode estar relacionada a falta de informação ou, até mesmo, conhecimentos contraditórios, passível de culpabilização do sujeito por sua instabilidade mental. Desmistificar o fenômeno é, além de produzir conhecimento científico, é abordá-lo de forma a fomentar significações que proporcionem o compartilhamento de ideias e pensamentos conflitantes que levam as pessoas a cometerem o ato de suicidar-se. Em outras palavras, é produzir representações que proporcione à pessoa em situação de vulnerabilidade em sua saúde mental, poder compartilhar suas crenças, pensamentos e atitudes.

As crianças não podem estar passíveis neste processo. Ao contrário, a infância possui papel central e atua na sociedade de forma ativa na interação com adultos e pares. Portanto, tanto recebe, como exerce influência social dentro do contexto no qual está inserido. Trabalhar o fenômeno social do suicídio com crianças é articular medidas tanto preventivas como promocionais na saúde mental.

O suicídio é um fenômeno complexo de variadas etiologias. A comunidade científica tem dedicado esforços para compreender a dinâmica e complexidade envolvidas, porém já é reconhecido como um caso grave de saúde pública (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008). Os números representam o grande desafio social que é instaurado pelo suicídio: no ano 2000, cerca de um milhão de pessoas cometeram suicídio. A taxa de morte tem se mantido nesta média até os dias atuais, sendo considerado um suicídio no mundo a cada 40 segundos. Não faz parte do escopo deste estudo a análise dos fatores que desencadeiam o suicídio, nem seus contextos evolutivos. A proposta deste texto é reconhecer o suicídio como um fenômeno social e um grave caso de saúde pública é essencial para qualquer medida de proteção ao sujeito.

O sociólogo Durkheim (2000, p. 475), inaugurou novas formas de compreender o suicídio estabelecendo suas causas e efeitos nas relações sociais que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

o sujeito se situa em que os “mais diversos acontecimentos da vida e até os mais contraditórios podem servir igualmente de pretexto ao suicídio”.

Para o autor, a causalidade e efeitos do suicídio possuem múltiplas e diversas razões e não podem ser compreendidas senão por meio da análise sociológica de seus desdobramentos. Desta forma, a sociedade não é composta apenas por indivíduos, mas também por elementos materiais, concretos, simbólicos que desempenham profundos e importantes papéis na vida dos sujeitos. Em outras palavras, a vida social dos sujeitos se cristaliza em meio as relações que o mesmo estabelece com as coisas e a comunicação desempenha um importante veículo de significação da realidade e compreensão do mundo. Comunicação esta que reúne um conjunto de representações sociais, já anunciadas por Moscovici (2013).

Neste prisma, Durkheim (2000) salienta que tanto fatores individuais quanto sociais interagem na consolidação do esquema suicida, na qual existe um tempo de maturação desta atividade, o que explicaria o número de pessoas que tiram suas vidas voluntariamente, alcançar ano após ano proporção semelhante.

Portanto, é necessário reconhecer o suicídio como resultado de fatores biológicos, genéticos, psicológicos, sociológicos, culturais e ambientais, que assumem materialidade nos contextos de vida dos sujeitos. É, sobretudo, um constructo que se tratado como tabu, acaba por reforçando comportamentos culpabilizadores sem o devido reconhecimento da sua complexidade, o que leva sujeitos a subestimarem seus sentimentos, pensamentos, atitudes, isto é, sua complexa saúde mental.

02 – MÉTODO

A proposta de uma roda de conversa com crianças sobre suicídio almeja construir proposições práticas para trabalhar temas que envolvam a saúde mental desde a infância. Orientados pelos referenciais da Psicologia Social, Sociologia e da Saúde Mental, em especial, pelas reflexões de Scavacini (2015), as ideias aqui desenhadas ensejam munir equipes multidisciplinares com sugestões de cunho educacional articuladas em contextos de suicídio, afim de produzir conhecimentos e desmitificar tabus. Não se trata, portanto, de engessar a prática de atenção à saúde mental com crianças, tão pouco servir de “receita”, mas, sobretudo, possibilitar

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

reflexões de cunho teórico-técnico e metodológico e ampliar estratégias educativas no campo da saúde mental que contemple o público infantil.

2.1 – Por que uma Roda de Conversa?

É necessário esclarecer por que se optou pela roda de conversa para tratar de um tema tão polemizado e recheado de significações. A roda de conversa tem como objetivo a socialização, construção coletiva de significações e compartilhamento de informações em grupos. Tal proposta assume uma perspectiva psicossocial a partir de dois processos sugeridos por Lane (2012): consciência e cultura. Por consciência, entende-se a capacidade do sujeito de perceber-se em seus processos de significação que abrange o nível de pertencimento a grupos que o sujeito possui ao longo de sua existência. Reúne um complexo conhecimento de seus sistemas de ideias, crenças, valores e atitudes construídos histórica e socialmente. A cultura, por sua vez, este conceito tem sido relevante pois possibilita compreender práticas específicas dos grupos sociais elaboradas de forma a determinar o que é aceito ou não em termos de ideias e regras em relação a sua prática.

Desta forma, a roda de conversa se mostra como um meio importante de produzir conhecimento, ao mesmo tempo que possibilita a compreensão do imaginário social presentes nos sujeitos participantes. É, sobretudo, uma estratégia educativa para a saúde mental estabelecendo, por meio de narrativas, a elaboração e compartilhamento de ideias e perspectivas.

2.2 – A Construção do Roteiro para a Roda de Conversa

Para tornar a proposta da roda de conversa viável e acessível, um roteiro semiestruturado foi pensado a partir de elementos empíricos e pudesse criar uma narrativa de diálogo e lúdica. Inspirou-se nos pressupostos narrativos de Bruner (1997) em busca de promover imbricações entre as ideias individuais das crianças como também o imaginário coletivo. Tal perspectiva mostra-se legítima por contemplar as esferas subjetivas do Outro na medida em que promove a organização da consciência em relação ao discurso compartilhado. Dito de outra forma, o roteiro

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

semiestruturado elaborado em formas de narrativas dialogadas sobre a saúde mental permite o entrelaçamento das ideias, além de fomentar o conhecimento das crianças legitimando seus discursos/narrativas sobre o assunto. O ato de narrar permite a introdução da história real de cada indivíduo que se relaciona com os significados e sentidos que lhes são atribuídos ao longo da trajetória vivida.

O roteiro semiestruturado foi pensado a partir de quatro eixos: Eixo I: *apresentação inicial*; Eixo II: *levantamento breve sobre contextos de saúde mental e do suicídio*; Eixo III: *referência à campanha Setembro Amarelo*; Eixo IV: *Sentimentos e emoções: o que são e o que fazer?*

Os eixos e suas respectivas características serão apresentados nos resultados e discussões.

03 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

O roteiro semiestruturado pensado para as crianças privilegiou uma linguagem acessível e significativa, além de estimular o diálogo com os pequenos de forma a compreender os sentidos por eles atribuídos e produzir conhecimento sobre o assunto.

Eixo I: Apresentação Inicial

Neste primeiro momento, trata-se de um percurso de apresentações iniciais, em que os facilitadores da roda de conversa buscam uma aproximação e construção de vínculo com as crianças e esclarecer o tema que será tratado, a saber:

Olá, pessoal, sejam bem-vindos e bem-vindas a nossa roda de conversa sobre a saúde mental.

Hoje vamos falar de um tema que é muito triste, mas que pode nos ajudar a entender melhor o que estamos sentindo e muitas vezes procurar ajuda.

Vocês já ouviram falar de “Suicídio”? E de setembro amarelo?

E hoje vamos conversar um pouco sobre isso. Eu, assim como todos aqui, achamos muito importante falar sobre esse assunto com vocês, e queremos muito ouvir o que vocês têm a falar. É importante você saber que pode perguntar o que quiser, a qualquer momento, tudo bem?

Mas antes precisamos fazer alguns combinados:

- Não existe resposta errada, toda resposta é importante. Queremos escutar o que vocês têm a dizer, o que sabem e o que não sabem também. Até o que vocês

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

estão pensando de ideia nova na cabeça de vocês. Ideias que aparecem na cabeça igual pipocas estourando na panela. As ideias pipocas de vocês! (Neste momento é apresentado um cartaz com a foto do poeta Silva Freire com pipocas saltando na cabeça)

As perguntas iniciais do roteiro remetem a uma situação de diálogo em que a participação das crianças é estimulada e não imposta, construindo uma relação democrática e horizontal. É necessário, para o bom andamento do momento, articular certos acordos que propiciem a desconstrução de respostas “corretas” para que se evite comparações com formato de aula. Explicitar que a participação das crianças é muito importante favorece a emergência de significações espontâneas, isto é, representações sociais.

Eixo II: Levantamentos Breves sobre Contextos de Saúde Mental e do Suicídio

O segundo eixo aprofunda em questões mais diretas sobre a saúde mental e sobre o suicídio. O objetivo é capitanear as significações prévias das crianças sobre tais contextos para que se possibilite a compreensão holística do conhecimento social, conforme o roteiro abaixo:

Então vamos começar.

- Vocês sabem o que é suicídio?

- Alguém já ouviu falar?

- O que vocês imaginam que é?

- E porque vocês acham que as pessoas fazem isso?

- Vocês acham que podemos ajudar essas pessoas para que não façam isso?

Pois então, o suicídio tem a ver com morte. E morrer é quando o coração de alguém para de bater, seu corpo para de funcionar, a pessoa para de respirar e não sente mais dor e muito menos frio. A morte, é antes de mais nada, uma ausência da pessoa que não estará mais do nosso lado e não vai voltar mais e isso traz dor e saudade.

Já o suicídio acontece quando a pessoa tira a própria vida dela. Quando ela faz algo para acabar com sua própria vida. No Brasil, por dia 32 pessoas morrem por suicídio. Ele acontece, infelizmente, e deixa todo mundo triste com essa tragédia.

A medida em que as crianças vão respondendo, o facilitador da roda de conversa terá a noção dos sentidos que as crianças possuem sobre o contexto do suicídio. A sensibilidade do facilitador é importante para que as perguntas sejam dirigidas de forma acessível, com o tom de fala adequado. O silêncio das crianças nessas perguntas é uma possibilidade, pois se trata de temas-tabus culturalmente

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

elaborados, mas que são negados e silenciados nos espaços públicos. Por isso, torna-se essencial que o facilitador haja de forma sincera e honesta, em busca promover conhecimentos e consciência sobre esse fenômeno.

As narrativas das crianças em forma de reposta, representarão fatos e acontecimentos da história de alguém de acordo com a ótica pessoal de quem conta. No entanto, a mediação da cultura nas narrativas de alguém pressupõe que, embora aconteça sob a ótica pessoal, há também circunscrito os valores e pertencimentos construídos coletivamente, trazendo consigo significações organizadas pelas representações sociais.

Eixo III: Referência à Campanha Setembro Amarelo

Este eixo representa uma maneira de articular a campanha do *Setembro Amarelo* ao conhecimento social das crianças. Embora a campanha ganhe certa notoriedade nas mídias televisivas, rádio e virtuais, a clareza das informações muitas vezes não aborda o público infantil. Logo, a campanha parece transmitir conhecimento aos adultos enquanto reina um silêncio ao público infantil, que somente terão “consciência” deste fato ao tornarem-se adultos:

O setembro amarelo é usado como referência ao mês de prevenção ao suicídio. Durante todo o mês de setembro é feito momentos como esse para a gente poder conversar da importância do cuidado à vida e dos nossos sentimentos.

Relembrando Emler, Ohana e Dickinson (2003), se a construção do conhecimento das crianças é um processo social, é imperativo que campanhas de prevenção ao suicídio contemplem também o público infantil, forjando assim novos sentidos e compreensões acerca da realidade. É preciso ecoar aos pequenos o conhecimento.

Eixo IV: Sentimentos e Emoções: O que São e o que Fazer?

Este eixo representa a maior parte do roteiro. Ele é dividido em dois momentos: 1) reflexões sobre o significado do suicídio; 2) o que fazer quando estamos passando por momentos difíceis.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

No primeiro momento, ressalta certas peculiaridades que levam a pessoa a perder a vida, considerando o suicídio como uma delas. O critério para a escolha desta parte foi relacionar os acontecimentos cotidianos na vida dos sujeitos e promover a consciência da realidade. Em outras palavras, esse mote objetiva expor com clareza a realidade social, cujos elementos estão disponíveis na cultura:

Pois bem, existem no mundo os terremotos, os tsunamis, os acidentes e o suicídio. São coisas que acontecem, infelizmente, porque as vezes as pessoas acham que é a única saída, a única coisa que pode acabar com a dor emocional.

Sim. Dor emocional. Vocês sabem o que é uma dor emocional?

Já sentiram alguma dor dentro de vocês?

Sabe quando a gente está brincando e machuca o pé, ou rala o joelho? A dor emocional é diferente disso. Ela acontece dentro da pessoa, deixa triste, as vezes nervosa, ou sem vontade de fazer nada. Às vezes dá até vontade de chorar.

E para algumas pessoas, essas dores são tão fortes, mas tão grandes, que causa um sofrimento que acaba levando a pessoa a cometer o suicídio. Muitas vezes a pessoa já estava tão triste que achou que nada iria melhorar.

Será que a gente pode ajudar alguém que esteja passando por isso?

Muitas vezes também, essas pessoas que estão nesse sofrimento não contam para ninguém, por que ela acha que ninguém pode ajudar. Às vezes também essa pessoa conta, mas ninguém acredita nela porque é tão difícil de acreditar que alguém que a gente ama possa fazer realmente um suicídio, não é?

Por isso é muito importante falar sobre os sentimentos, sejam eles bons ou ruins. Assim como a gente fala quando sente dor de barriga, ou dor de dente, ou dor de cabeça, precisamos falar sobre nossas dores emocionais, aquelas dores que existem dentro da gente, como a depressão.

Vocês sabem o que é depressão?

Já ouviram falar? O que vocês acham que é?

Pois então, a depressão não é como uma gripe, que a gente pode pegar das outras pessoas. Ela começa por vários motivos, porém existe tratamento, com a ajuda de profissionais como psicólogo e em alguns casos com remédios que o psiquiatra pode passar para a gente tomar. A depressão deixa a gente muito triste, é como se passássemos a ver o mundo sem cor, apenas preto e branco, e sem vontade de fazer o que a gente mais gosta. O que vocês mais gostam de fazer?

Compreendendo o desenvolvimento humano em diálogo com a cultura e a história (VIGOTSKI, 2000), o uso de fatos corriqueiros que acontecem no corpo (dor de cabeça, de barriga, etc.) como metáfora permite transmitir, de forma lúdica, o conhecimento sobre a depressão. Isto porque a depressão é subjetiva e pode fugir da compreensão para aqueles que vivenciam uma cultura que pouco valoriza dores emocionais. Neste prisma, é relevante que se fomente o conhecimento social acerca desta realidade, atuando na perspectiva de compreender a tradição e saber popular que legitimam ideias ao status de verdades para um determinado conjunto social

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

(MOSCOVICI, 2013), de maneira a adicionar novos elementos e forjar novos sentidos e significados.

No segundo momento, aspectos da realidade são trazidos de forma a colaborar com o contexto do sofrimento psíquico. A saúde mental é o tema central, e dialoga com diferentes frentes da vida do sujeito que possa estar vivenciando conflitos emocionais.

O parâmetro dessa parte do roteiro é convidar, por meio de narrativas, as crianças a pensarem que dores emocionais podem acontecer ao longo da vida e que falar sobre isso é a melhor alternativa. O excerto abaixo exemplifica esta parte:

Sabe, galera, pode ser que em algum momento de nossas vidas, nos sintamos tristes e sozinhos, com essa dor emocional muito forte dentro da gente. Mas mesmo em momentos assim, devemos fazer diferente e isso quer dizer que podemos pedir ajuda quando precisarmos, e as vezes será necessário pedir ajuda mais de uma vez, para que as pessoas entendam o que precisamos. Às vezes é difícil falar do que estamos sentindo, não é? Não existem sentimentos certos ou errados, eles podem mudar muito de um dia para o outro. O importante é a gente tentar descobrir como está se sentindo. É assim mesmo, os sentimentos ficam embaralhados, muito misturados. Falar com outras pessoas sobre o que sentimos e pensamos pode nos ajudar muito. Podemos falar de nossos medos, preocupações. De nossos sonhos... Isso nos ajuda a se sentir melhor e achamos alguns caminhos e respostas para os nossos medos. Pode ser que a gente se sinta bem para conversar com algumas pessoas e com outras não. Isso é bem normal. Pode ser que as pessoas venham te perguntar muitas coisas e você não esteja com vontade de falar sobre nada, principalmente sobre dores emocionais. Às vezes é muito difícil falar. Mas podemos pedir ajuda, sabia? Para quem vocês contariam se estivessem sentindo uma dor muito forte por dentro? E o que vocês fariam para essas pessoas? Vocês podem chamar um parente, um amigo, um avô, uma mãe, um pai, um professor, e tem até profissionais que estudam para conversar sobre isso com vocês, ele se chama psicólogo. Você pode pedir para ir conversar com um psicólogo quando quiser. Por isso, é muito importante identificar sentimentos e falar sobre eles. É um jeito de pedir ajuda e também se ajudar. Não há nada de mal nisso. Agora que vocês já sabem bastante coisa sobre o suicídio, vocês poderão escrever frases sobre a vida de vocês nesta lousa ou no papel de cartolina, o que vocês mais gostam, o que tem medo, ou algo que você está sentindo. Você pode escrever ou até desenhar. Lembre-se é muito importante brincar, pensar, FALAR e criar! Vamos lá!

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A presença da pergunta “Às vezes é muito difícil falar. Mas podemos pedir ajuda, sabia?” é fonte de encorajamento para que as crianças percebam que podem compartilhar suas emoções e sentimentos. Identificar a emoção e saber que pode contar com ajuda é imperativo para que uma campanha de prevenção ao suicídio ganhe corpo e significância. Nota-se a tentativa de desmistificar o suicídio, colocando-o no centro da questão humana. O intento visa o fortalecimento de novas compreensões em diálogo com a organização social sobre o tema. De modo geral, elabora-se novos sentidos ao tema *suicídio*, colocando-o na cena pública com seriedade e responsabilidade que a temática merece, objetivando a elaboração de novas representações sociais (MOSCOVICI, 2013) e assim atuem como transformadores sociais.

Ao final, as crianças são convidadas a produzirem mensagens ou desenhos sobre a conversa. Este estímulo emerge com intuito de promover um espaço em que as crianças possam compartilhar algo sem verbalizar (com os demais participantes ou com o facilitador da roda de conversa) caso não se sintam a vontade de fazê-lo em voz alta. Tal estratégia é pensada a partir dos pressupostos de criação e imaginação de Vigotski (2009), em busca de ampliar as significações das crianças em seu desenvolvimento humano.

04 – CONCLUSÕES

Neste ensaio reflexivo, inspirado nos estudos de Moscovici (2013) e de Vigotski (2000, 2009, 2010) sobre os fenômenos do conhecimento social e do desenvolvimento humano em diálogo com a Sociologia da Infância de Sarmiento (2007), foi possível identificar o potencial das crianças de compreensão da realidade como também a necessidade de promover políticas públicas e educacionais sobre a saúde mental, em especial, com foco no suicídio, para que se construa uma efetiva consciência da população desde a mais tenra infância. Este exercício, pautou-se na seguinte indagação: serão as crianças capazes de compreender temas sobre saúde mental de maneira a refletir sobre o suicídio?

Por certo, o desenvolvimento humano acontece em diálogo com a cultura e com a história, e as crianças tem capacidades de compreender a realidade social,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

interpretando o mundo da cultura com seus hábitos e costumes. A educação voltada para a saúde mental das crianças é uma rica possibilidade de promover reflexões coerentes sobre o fenômeno do suicídio: uma estratégia que avança na medida que desmistifica representações sociais que silenciam este debate.

A roda de conversa sobre o suicídio revela-se como uma fonte educativa de saúde mental. Articular diálogos focalizando o público infantil, promover narrativas e ser contemplado com os significados que as pessoas e grupos atribuem a temática são de grande valia em busca de aumentar o repertório de conhecimento dos sujeitos na medida em que atua na perspectiva psicossocial. No entanto, este exercício parece estar ainda em construção visando maiores aprofundamentos técnicos-metodológicos.

Tais perspectivas dão pistas para ajudar a pensar a construção de uma proposta educacional em saúde mental que dialogue com o potencial da criança e que valorize a autoria infantil como ponto de partida para o aprendizado e, sobretudo, que aproxime a realidade das crianças, tomando por base seus contextos, formando, assim, um instrumento de construção de sua condição cidadã, primordial para a democracia e para um projeto de sociedade inclusivo e participativo.

05 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. B. S. F. A infância como objeto de Representações e as crianças como sujeitos que elaboram novos sentidos sobre a realidade: sutilezas de um debate. *In*: CHAMON, E. M. Q. O; GUARESCHI, P. A.; CAMPOS, P. H. F (Orgs). *Textos e debates em representações sociais*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. *In*: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

EMLER, N.; OHANA, J.; DICKINSON, J. Las representaciones infantiles de las relaciones sociales. *In: CASTORINA, J. A. (Org.). Representaciones sociales: problemas teóricos y conocimientos infantiles.* Barcelona: Gedisa, 2003, p. 65-89.

JODELET, D. As representações sociais um domínio em expansão. *In: Jodelet, D. (Org.). As representações sociais.* Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

LANE, S. T. M. Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. *In: Campos R. H. F. (Org.). Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia.* Petrópolis: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coordenação Nacional Para a Saúde Mental. *Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016: Resumo executivo, 2008.* Disponível em: <http://www.adeb.pt/files/upload/paginas/Plano%20Nacional%20de%20Saude%20Mental.pdf>. Acessado em: 27 mar 2018.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social.* 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARMENTO, M. J. Visibilidade Social e Estudo da Infância. *In: VASCONCELLOS, V, M, R.; SARMENTO, M. J. (Org.). Infância (In)Visível.* Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

SCAVACINI, K. *E agora? Um livro para crianças lidando com o luto por suicídio.* Ilustrações Andrea Brazil. São Paulo: Revolução eBook, 2015.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. Tradução de A. A. Puzirei. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXI, n. 71, 2000, p. 21-44.

_____. *Imaginação e criação na infância.* Apresentação e comentários de A. L. Smolka. Tradução de Z. Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. Quarta aula: a questão do meio na Pedagogia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, 2010, p. 681-701.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVIII Jul-dez 2018	Trabalho 02 Páginas 17-31
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	